

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Volume XXXVIII

Redacção e Administração

T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

30 de Março de 1915

Comp. e impres. TYP. CÉSAR PILOTO

Largo de S. Roque, 11 e 12

N.º 1305

Extinção das Cultuaes



CERIMONIA DA «RECONCILIAÇÃO» NO TEMPLO DA GRAÇA



SUA EMINENCIA, O PATRIARCA DE LISBOA, D. ANTONIO MENDES BELLO E O CABIDO DA SÉ
Antes da cerimonia de «reconciliação» na Graça

A extinção das cultuaes — tornou-se na capital o facto culminante do mês. Rejubilou toda a familia catolica de Portugal. Promoveram-se imponentissimas cerimonia-religiosas nos templos da Graça e S. Vicente aonde concorreu extraordinariamente uma grande multidão de fieis. Nessas festas fizeram representar-se as familias mais distintas de Lisboa. Pode dizer-se que o dia 18 deste mês foi um dia de gala para todos os portugueses que seguem fervorosamente a religião tradicional dos seus avós.

Primeiramente, realisou-se a solenidade da «reconciliação» no

templo da Graça. Sua Eminencia, o Patriarca de Lisboa, D. Antonio Bello deu cumprimento pleno ao cerimonial liturgico e declarou reaberto ao culto catolico o templo da Graça. Então, o eminente prelado fez uma nobre allocução á assistencia — explicando as causas que o levaram a usar da sua autoridade pastoral até interditar ao culto aquele bem querido templo.

E' ainda com magoa e resignação cheia de fé que Sua Eminencia protestou contra todos os ultrages e perseguições de que a Igreja tem sido victima nos ultimos tempos em Portugal.

CRONICA OCCIDENTAL

Não observaram ainda?... .

Nunca se recorreu tanto como agora ás instituições de justiça em Portugal.

Eis um facto que ninguém pode contestar por evidente e repetido que se tornou, dia a dia, nos ultimos tempos. Os tribunaes transformaram-se nuns logares habituaes e triviaes de palestra.

Dantes, pululavam por ahi em fóra, inúmeros, os advogados sem causas. Hoje, ao contrario todos os advogados têm causas — ainda que raros tenham razões...

As fisionomias conspicuas dos juizes são já familiares do nosso conhecimento e aquelas máscaras rigidamente severas que sabem ostentar nos momentos solenes sobre as mēsas, forradas a negro, oblongas, dos tribunaes, já não põem frémios de deliquios na sensibilidade mórbida dos tímidos. Oh! não.

Actualmente, é quasi uma honra, concedida, por infelicidade, a muitos comparecer á barra do Tribunal e arrostar de frente á accusação!

Ourt'ora, á antiga portugueza, os magistrados pareciam conscios de missão sobrehumana, e ao transporem os porticos do Templo da Justiça ruminavam ainda e sempre palavras do Digesto e silenciosos e integerrimos, carregavam longanimemente sobre os hombros a ponderosa tradição do direito romano. Tinham a attitude de sacerdotes maximos duma sociedade civil. Tambem, á misera viti nado código tremia logo de quebranto, só de lembrar-se que ia em breve tomar assento no môcho crú dos réus. E sentia que o sangue se lhe coagulava geladamente nas veias, a tratos de interrogatorio, no decurso longamente penoso da audiencia.

Ao depois...

O tempus! O mores!

Ha, mais ou menos, dez anos, o Tribunal volveu-se nas famosas salas de espectáculo politico, que é hoje.

Ainda não pudémos esquecer nos de uma epoca em que ele se tornara num *rendez-vous* elegante de politicos e tribunicios exaltados.

O tribunal transfigurou-se, como por encanto, n'um parlamento de futuridade — e por ali se ouviram as mesmas catilinarias, os mesmos doestos, e as mesmas faustinadas subversivas. Eram os acusados e as testemunhas que diziam ao tribunal a ultima palavra do direito. As galerias aplaudiam com denôdo. O juri e os juizes — parece que tinham exclusivamente por missão ratificar, tanto quanto possivel, a decisão imposta pelos advogados de defeza.

Em abono da verdade, reconhecemos que as coisas têm mudado algo de feição.

Entretanto, as consultas aos tribunaes tornaram-se mais frequentes. As queixas apresentadas em juizo multiplicaram se prodigiosamente.

Hoje, não se pretende que vá sentar se no banco dos reus — sómente, o bandido monstruoso, o pequenino delinquente, ou o vitimado pela lei de imprensa...

Acima! Upa!

Mais!

Raros são os magnates do regimen vigente que não têm a correr nos tribunaes processos de gravidade.

Presidente da Republica, presidentes

e ex-presidentes do governo, ministros e ex-ministros, chefes de partido politico, comandantes de divisão e guarda republicana — todos são acusados com ignominia. E aqueles que não no foram ainda — estiveram já, bem que mal, pres-tes a ser justicados, sem culpa formada nem forma de processo, pela força inexoravel da Rua...

Isto é — os nossos republicanos accusam-se implacavelmente, uns aos outros.

Não temos razões para acreditar que sejam sem fundamento muito sólido as accusações formuladas.

Se isto assim continua — receiamos, a todo o momento, ver en errados nas céllas estreitas das penitenciarias, todos os republicanos de Portugal!

ANTONIO COBEIRA.



Folhas soltas

Carta aberta á Sr.^a Primavera

Minha boa amiga.

Ha muito tempo te esperava, e digo te mesmo, *anciosamente*, pois não calculas, como fico contente quando vejo a tua cara alegre e risonha, banhada de suggestiva luz, a tua maviosa voz, atravez dos cantos das aves, as tuas vestes enfeitadas de mil variedades de flôres. Mas tu, já não és a mesma d'outros tempos; quando disse adeus ao Inverno e abri as minhas janelas para te cumprimentar, para te saudar com todos os meus doces carinhos, apareces com aspeto carrancudo, bisonha, não com o perfume das flôres, mas com ventania e chuva!

Para onde mandaste todo rosario dos teus encantos? Qual a razão porque te revelas de uma forma tão pouco amavel, para todos nós, que te esperavamos com tanto amor e ternura? Dantes eras a alegria que espalhavas pelos campos, possuías a grande força da *transformação*!

Fazias desaparecer a aridez dos vales, das montanhas, o echo dos aby-mos repercutia o teu nome, até o pastor inventava novos cantos.

Agora já o inverno se despediu, e tu não parecees vir alegrar a terra!

Que mysterioso fim será o teu, em te revelares de tal forma? Não sejas assim, perde o teu actual aspecto austero, a tua missão não é de vendavaes e chuvas, mas sim de calma bonança, de alegre sol, de brisas e perfumes das tuas encantadoras e sublimes flôres. E' este o unico fim; os bosques e os prados querem-se engalanar em tua honra, não lhes queiras fazer mal. Tem pena das avesinhas que querem começar os seus ninhos. Não sejas cruel para ellas, que vivem á sombra das fôlhas, e que desejam cantar hymnos em tua honra! Os mares estão revoltos, quando tanto desejam socegar as suas aguas, os rios não podem espreguiçar as suas aguas limpidas, as fontes desejam cantar; bem vês o mal que estás fazendo.

O lavrador vê as fazendas alagadas, tem visões tetricas de fome e miseria, as crianças pedem lhe pão... tristeza e mais tristeza. Poderás tu continuar assim?!

Não posso comprehender o teu novo aspecto, quando dantes eras exatamente o contrario!

Desculpa que eu tivesse o arrojo de te escrever estas linhas, mas espero que me desculparás. Queres do alto do teu Poder pensar em tudo que te disse, estou certo que me darás inteira razão; não é só para mim que fallo, mas sim em nome de milhares de pessoas que te desejam saudar e que esperam que tu appareças com as tuas gálas de antigamente. Tem pena de nós.

Um teu admirador.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

A opera nova «Madame Sans-Gêne de Giordano»

N'aquella epoca de S. Carlos em que Puccini nos trouxe o abbade Perosi, Leoncavallo, tambem esteve entre nos o distincto compositor italiano Giordano.

Nunca mais me pode esquecer uma phrase que elle me disse sobre o nosso clima: «Nunca julguei encontrar fóra da minha Italia, um ceu tão maravilhoso como este de Portugal!» Nas suas palavras havia uma enorme franqueza, pois o distincto compositor não possui o feitiço de dizer coisas que não sente, pelo menos foi a impressão que me deixou.

Giordano se não possui o talento espontaneo de Mascagni, tem uma forma muito mais equilibrada de compôr, não se comparando com a *musica-commercial* do seu colega Puccini.

Das suas operas já algumas foram cantadas em S. Carlos e no Colyseu a *Fedora*, *Chénier* e *Siberia*.

O nosso publico tem pela *Fedora* uma grande admiração, e com razão, pois nas suas paginas respira-se uma frescura de melodia deveras fascinante.

O seu ultimo trabalho foi inspirado na *Madame Sans Gêne* de Sardou, sobre a qual Renato Simoni fez um libretto bastante feliz.

Teve o baptismo da critica ha talvez um mez na grande cidade de Nova York, no meio dos maiores applausos.

Agora foi cantada no grande theatro de Turim, que alcançou a primasia de ser o primeiro que ouviu a opera na Europa.

Todos dizem que Giordano n'esta opera revelou uma arte elevada de composição. Tambem devemos notar que o assumpto se presta optimamente e cahiu na indole do povo, dando-se um caso semelhante na *Tosca* de Puccini.

Na partitura do auctor da *Fedora* entraram artistas nossos conhecidos: Maria Farnetti que em S. Carlos todos deverão estar lembrados como cantou a *Butterfly*, e se a memoria me não falla, a *Iris*; o Stracciari, barytono que nós applaudimos em começo de carreira e que deu um *Napoléão* bellamente estudado; *Le Fevre* foi o tenor Grassi, e Rossi — Marelli no papel de *Faucher*. O maestro Panizza foi quem dirigiu a opera. Os fatos foram todos desenhados pelo notavel artista Caramba.

Quando a ouviremos em o nosso theatro?

O sr. Antonio Santos é empresario com coragem de a dar no seu Colyseu aqui fica o alvitre.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

GUIDO RENI



Jesus Christo coroado de espinhos
(Coleção Moreira Freire)

A Vida e o Sol

Ao poeta Santos Luz

Vêlhinhos que passaes ás horas do poente
— O passo mal seguro, a fronte descaída—
Quanta tristeza e dôr no vosso olhar ardente!
Quanta saudade atroz d'uma passada vida!

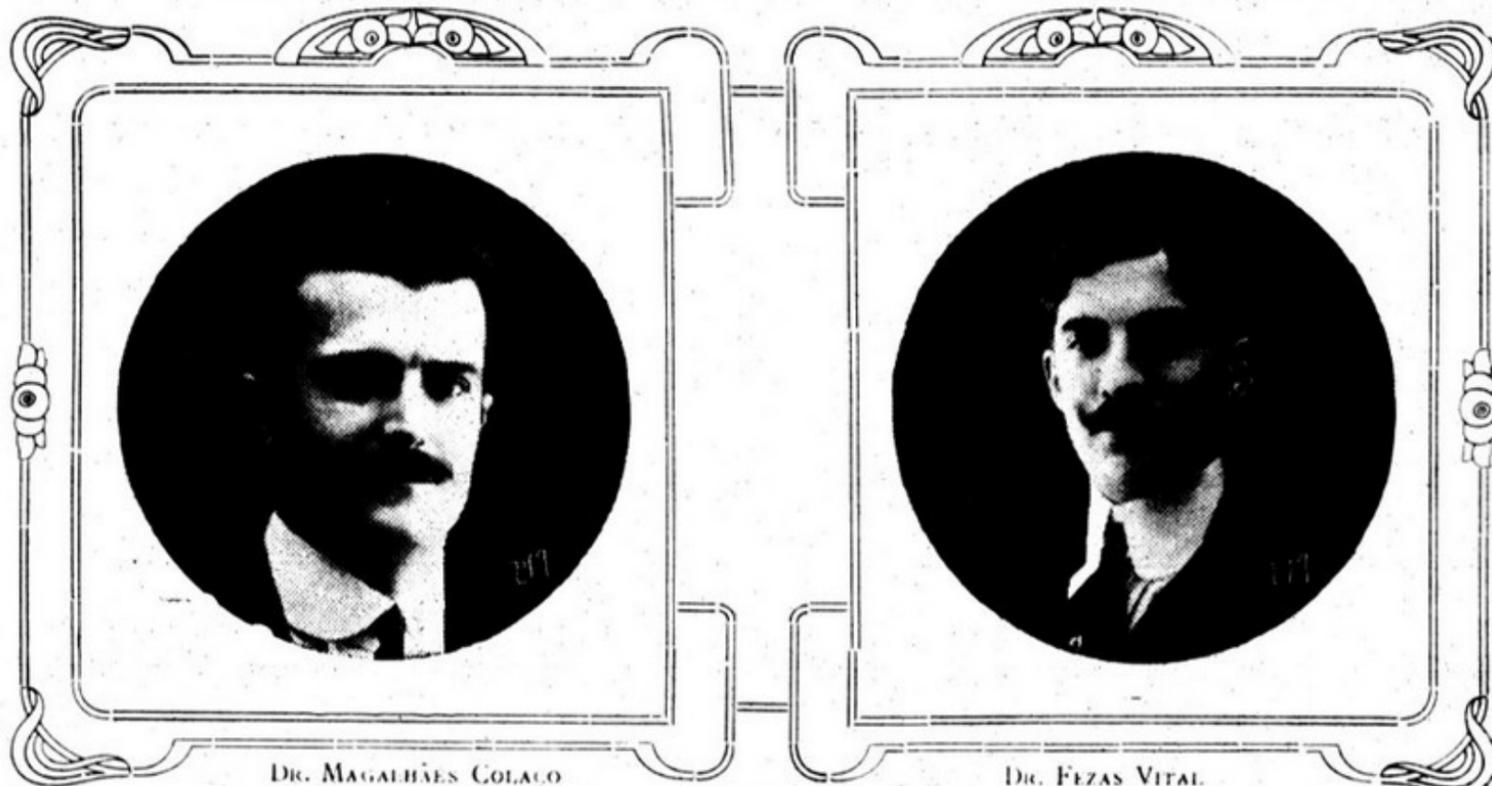
Quando o sol diz á Terra o adeus da despedida,
Eu penso mais em vós, porque lembraes á gente:
— Que se parece o Sol á Vida re florida!
— Que se parece á Vida o grande Sol rubente!

Desmaia e morre o Sol, p'la tarde socegáda
Para voltar, depois, na proxima alvoráda,
Mandando mais calôr, mandando novos brilhos...

— Vêlhinhos que passaes, quando vier a Morte,
Tereis o mesmo fim, tereis a mesma sorte,
Pois haveis de viver de novo em vossos filhos!

1914

JOSÉ REBELO



DR. MAGALHÃES COLAÇO

DR. FEZAS VITAL

Em concurso foram unanimemente aprovados para professores assistentes da Faculdade de Direito, da Universidade de Coimbra, os srs. Drs. Domingos Fezas Vital e João Telo de Magalhães Colaço. Apresentaram, respectivamente, as teses: *O acto jurídico* e *Concessão de Serviços Públicos*, que defenderam com extraordinário brilho, confirmando levantadamente os excepcionaes dotes de intelligencia invulgar, revelados no seu laureado curso. Saudamos muito carinhosamente os dois noveis professores da primeira Universidade de Portugal.



Sôbre Linguagem

Sendo o pensamento a função humana, por excellencia, nada mais natural, que a preocupação com respeito á revelação das ideias.

Forma falada e forma escrita, eis os dois problemas capitais.

Sem esse duplo processo, como tirar as vantagens do trabalho preciosissimo do nosso cérebro?

Não basta que a alma humana elabore as mais belas concepções, é forçoso dar, a esses productos animicos, consistencia e forma, transmissão e perpetuidade.

Daqui, uma serie de convenções, outras tantas maneiras do homem se comunicar com a facilidade possivel de entendimento.

Com respeito á fixação do pensamento, — a pintura, o simbolo, as escrituras hieroglifica, cuneiforme e alfabética; com referencia á enunciação de momento, — o grito e a palavra ou som de voz devidamente articulado.

São, estes diferentes meios, testemunho indiscutivel de um notavel progresso.

A dificuldade de expressão vai desaparecendo atravez de tais processos e, hoje, nada mais facil que o escrever e o falar, nas condições, é claro, da maior naturalidade.

Fala e escreve a criança com um ensino rápido e simplicissimo e deixa a perder de vista o remoto ascendente que, no trabalho moroso, incompleto e imperfeito do esboço, do emblema, do traço e figura extravagante e complicada, ou que, numa sonancia vocal, falha de eufonia, ou, ainda, numa mimica, por vezes, cómica e ridicula, perdia o tempo e esgotava a paciencia!

Nem só a descoberta ruidosa apregôa glorias e marca baliza na senda ascensional, mas tambem o despretençioso invento, embora, modesto, na apresentação, mas grande no alcance.

O alfabeto, o algarismo e a notação musical são tudo quanto ha de mais sim-

ples e de mais util e apreciavel. Vinte e cinco letras, dez numeros, sete notas, e tudo se diz, se exprime com admiravel lucidez e precisão! Sciencia e arte, raciocinio e sentimento se revelam, nesses humildes sinais, em toda a majestade da sua imponencia, em todo o brilho do seu altissimo valor!

Da palavra, devidamente, educada, traduzindo, com maior ou menor propriedade, as exigencias psicologicas, forma-se um ramo importantissimo da linguagem: — o idioma ou lingua propriamente dita.



Em todos os tempos, o estudo das linguas tem sido necessario por, extremamente, util, mas, na epoca presente, em que as relações internacionais se tornam cada vez, mais frequentes e intimas pelos faceis meios de transporte que põem, a todo o momento, em contacto, os membros da grande familia humana, chega a ser, tal estudo, absolutamente indispensavel, imprescindivel.

A diversidade do idioma é barreira entre as nações, uma separação natural dando as naturais consequencias de estranheza, rivalidade entre as agremiações politicas que, longe de se darem as mãos e estreitarem-se em fraternal amplexo, se odeiam e se guerreiam em prèlios de morte.

Em virtude do conhecimento das linguas, as nações confraternizam mais facilmente e, embora motivos de ordem diversa guardem a separação dos povos, é inegavel que tal conhecimento predis põe para a tão sonhada união da especie humana pelos laços do entendimento ou seja pelos liames da amizade, dos interesses comuns. E' por isso, que tanto se tem pensado na criação de uma lingua universal que todos os povos, sem prejuizo nem vexame da sua propria, devem conhecer e cultivar para facilitar

a vida internacional e, assim, dar um agigantadissimo passo no progresso humano.

Na realidade, das diversas instituições nacionais, a lingua deve merecer uma atenção especial, atendendo ao seu triplice aspecto de «meio de expressão, de documento de nacionalidade e de órgão de sociabilidade.»

Como expressão, a palavra é completa, perfeitissima; modela-se admiravelmente aos variadissimos estados de alma.

Qualquer outro processo de manifestação será insufficiente e nada pratico pelas dificuldades que oferece para espelhar a vida interna do nosso espirito. Não passará de um meio incapaz de exteriorização concreta e nitida.

Embora se faça auxiliar do grito e do gesto, o verbo é soberano na enunciação do pensamento. E' simultaneo com a ideia.

A mente produz e os labios exprimem exactamente sob a mesma impressão, com o mesmo motivo determinante.

Assim, ha uma verdadeira identificação do termo com o pensamento, revelando-se este nas condições da maior fidelidade e feição de momento.

A vibração moral expressa por qualquer arte já não é nem pôde ser o mesmo que pela fala. Deixa de ser a vibração para ser o resultado dela. A arte sendo mais pensada, menos pronta, porque a sua elaboração assim o exige, dará a expressão palida e fria.

Observe-se o individuo, fortemente, dominado pelo curso das ideias ou, sinceramente, movido pelo impulso afectivo, torna-se fluente, eloquente. até, fotografando, numa dição vivida, saltitante, todo o seu ser.

Como testemunho da independencia e autonomia dos povos, a lingua tem uma significação notavel.

Uma nação que fale idioma proprio, tem a sua independencia moral; não se

confunde com qualquer outra, é autónoma.

Por isso, o velho imperio romano impunha a sua lingua as populações vencidas para se convencer da soberania universal; a Espanha, assim, procedeu para conosco, quando nos teve debaixo de seu jugo e, do mesmo modo, se conduzem a Inglaterra com respeito à Irlanda e a Russia com respeito à Polonia.

Foi, nesta orientação, que D. Dinis, por ventura, o mais habil monarca que se tem sentado no trono português, deu existencia official ao idioma patrio, completando, assim, a grande obra de Afonso Henriques de quem tinhamos recebido a independencia politica.

Que agradável impressão se não experimentará ao ouvir, no estrangeiro, uma frase, uma palavra, que seja, da lingua materna! Ela recorda-nos o nosso torrão natal, o nosso lar, os entes queridos, os pequenos nadas da nossa estremecida patria, onde nos ficou o coração com as suas mais ternas fibras. A alma enche-se-nos de ternura e de orgulho porque, nesse momento, a um tempo, não é só o affecto que pulsa, mas a noção da nossa existencia social que desperta e nos lembra o nosso lugar no grande convívio humano.

Finalmente, sob o ponto de vista da sociabilidade, a lingua, como, a principio fizemos sentir, se define instrumento precioso para a intelligencia e harmonia entre os homens, unindo-os, entre si, pela atracção que resulta do comum acôrdo.

E', até, por certo, umas das provas mais concludentes de que o homem é um ser, por natureza, sociavel. Se nascesse para o isolamento, não seria êle dotado dessa faculdade que lhe é exclusiva, a palavra, destinada a ser ouvida e compreendida pelo seu semelhante e a cimentar, por conseguinte, a união estreita e intima entre os individuos da especie humana. União que, necessariamente, se havia de organizar para que, desse modo, o homem possa triunfar da sua fraqueza que o coloca, muitas vezes, numa situação precaria.

Assim, êle não tem a força do elefante, a garra do leão, o passo rápido do cavallo, a vista do linco, o faro do cão, a aza da ave, a natação do peixe; não possue, sequer, as vestes naturais com que outras especies se cobrem; mas é senhor de uma intelligencia superior com que não só supre a deficiencia desses attributos, como, incomparavelmente, os excede. E, com esses soberanos recursos, fortalecidos pela união que constitúe as sociedades devidamente organizadas, é o rei absoluto do Universo.

Qual será a origem da linguagem? Estamos em presença de um problema insolúvel: — o dás origens.

A planta nasce da planta, o animal do animal e, do mesmo modo, no mundo moral, a lingua da lingua.

Mas a primeira planta, o primeiro animal, a primeira lingua, donde, provieram, como se formaram, ou, melhor, como se formaram os elementos das suas organizações? Não é facil, responder a estas perguntas.

Ha, apenas, suposições, conjecturas mais ou menos viaveis e nada mais.

Não admira, pois se a vida é um misterio desde a sua origem até a finalidade.

Nas cousas mais vulgares e que, melhor, parece conhecerem-se, profundamente, desçamos ao amago e que se nos depara? O inexplicavel, o incompreensivel.

Que é a materia, o espirito, o movimento, a luz, o calor, a electricidade?

Porque razão o cérebro pensa, o coração pulsa, o pulmão respira, o estomago digere, os olhos veem e os ouvidos escutam?

Teria o homem nascido falando, ou, apenas, com a faculdade de falar que, depois, pela força das circunstancias e imperio das necessidades e, por tentativas mais ou menos felizes se manifestasse em todo o seu poder? Eis a questão. «Que nos digam os sabios da escritura que segredos são estes da natureza» como diz o nosso poeta.

No que não ha duvida, é que as linguas, fosse qual fosse a sua origem, passaram, como todas as cousas, por progressivos estados de organização e, pela sua indole e relações de parentesco, formam familias distintas.

Neste principio natural e logico, se baseiam as melhores classificações das linguas: — a morfologica e a genealogica.

Morfologicamente, os idiomas são monossilabicos, aglutinantes e flectivos.

O monossilabismo é a verdadeira infancia da linguagem. A palavra encontra-se rudimentar numa só silaba ou raiz; tem, apenas, um sentido geral e, pela sua posição, indica as relações sintacticas, como succede no chinês e seus dialectos. A aglutinação é, já, um consideravel aperfeiçoamento. O vocabulo é constituido por uma raiz principal com a necessaria modificação de prefixos e sufixos ou elementos que se juxtapõem para a composição e derivação. E' o que se dá no turco, hungaro e japonês. A flexão, enfim, é a inteira estrutura linguistica. Admite, como se observa nas linguas romanicas, a completa flexibilidade da palavra, levando-a a exprimir, pela declinação, conjugação e vozes, todas as particularidades do seu emprego.

Genealogicamente, os idiomas formam os grupos semitico, camitico e indoeuropeu, decompondo-se este nos ramos indostanico, eramico, celtico, germanico, eslavo, helenico e italico a que pertence, pela derivação do latim popular, o português com os seus dialectos.

Sob este ponto de vista, os grupos linguísticos coincidem com as raças fundamentais, revestindo, por conseguinte, esta classificação, não só o character genealogico como o ethnografico e constituindo, assim, uma bem organizada síntese com os principais elementos que conduzem, depois, a uma analyse segura do idioma, acompanhando-o, com a possível influencia da raça, atravez dos tempos e, portanto, tambem, historicamente, desde as suas variedades dialectais até o tipo comum donde procede.

As linguas são organismos vivos e, por isso, sujeitos ás naturais vicissitudes, atestando o progresso dos povos de que são orgão.

Essas vicissitudes são externas, — arcaísmos e neologismos — e internas, — foneticas, morfologicas e sintacticas.

Obedecem á lei fatal da evolução a

que nada se exime. A linguagem, perdendo expressões, adquirindo outras, sofrendo alterações de pronuncia, de estrutura e de emprego logico, realiza a missão que lhe cumpre e afirma a sua vitalidade como uma das mais significativas instituições nacionais.

Que diferença, por exemplo, entre o português primitivo e o actual! E' necessario fazer verdadeiras traduções, para a dição moderna, dos textos dos primeiros séculos da monarchia para se poderem compreender, tal é o todo inintelligivel desses escritos.

Como productos naturais que são, as linguas precisam ser tratadas pela arte para bem se apropriarem aos usos da vida.

E' o caso da pedra bruta que se arranca da rocha, a que se aplica o cinzel e lentamente, de trato em trato, se vai transformando numa cousa definida, como uma estatua de elegantes formas ou uma flôr de mimosas pétalas.

O idioma vagueou sem norte nas suas primeiras idades e só, mais tarde, com o despontar da arte, é que foi disciplinando o seu emprego, determinando os seus principios e codificando as suas leis.

Foi o que succedeu com o idioma patrio.

Unido ao galeciano, dêle, se separa lentamente, no século XII, com a formação da nacionalidade. Com destino politico bem diverso, o galeciano, pela sua falta de independencia, estacionou e continuou sendo orgão de uma simples e pobre fracção de Castela. Arrasta, a Galiza, uma existencia precaria, seus filhos emigram e as suas instituições perdem a seiva que as anime.

O português, sacudindo tutela afrontosa, emancipa-se e vive vida propria. Passa a ser a lingua de um povo livre, que se lança, com desassombro, num caminho de progresso e que, não contente nos dois palmos de terra do continente, asfixiando nos acanhados limites do seu país, acede, com entusiasmo, ao insistente convite do oceano que lhe banha o litoral e êle, ai, vai, em fragil batel, mar em fóra, ás longinquas paragens, aos novos mundos, levando predominio e fé, cultura e lingua.

Nesta expansibilidade amplissima, o espirito da nação avigora-se, a grandeza politica impõe-se, os feitos de audacia multiplicam-se e essa lingua destinada aos genios de Camões e de Vieira, robustece-se, define-se e entra definitivamente num periodo de disciplina com a primeira gramatica de Fernão de Oliveira, publicada em 1536.

Dai, em diante, em trabalhos successivos de linguistica, o nosso idioma junta, ás suas belezas naturais, os brilhos preciosos da arte e constitue-se uma das melhores linguas romanicas.

Atravessou a decadencia do século XVII, sentiu-se de estilos defeituosos e de desprezos imerecidos, mas reabilitou-se, triunfou do mal e, hoje, graças á evolução e á cultura literaria consta de mais de cem mil termos, oferece variadissimas formas e possui uma organização gramatical perfeitamente definida.

Embora o estrangeirismo, que tudo avassala, macule, por vezes, a pureza da lingua patria, é, ela, sem duvida, ainda, a nossa mais bela instituição nacional.

Oxalá se salve da voragem em que, por cruel destino, se tem subvertido um patrimonio de glorias.

DAMASCENO NUNES

CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA



AFUNDAMENTO DE UM SUBMARINO ALEMÃO POR UM «DESTROYER» INGLÊS

PELO MUNDO FÓRA

Continua o avanço lento dos aliados, sendo digno de nota a marcha dos ingleses em *Neuve Chapelle*, e a dos belgas nas regiões do *Iser* e ao sul *Dixmunde*.

Os russos obtêm assinaladas victorias em *Prasnisch*, no *Niemen* e em *Oravezik* e retomam a offensiva na Bukovina. O celebre cerco de *Przemysl* terminou pela victoria dos russos, que tomaram a heroica cidade com 170 mil pessoas entre as quaes 150 officiaes. Foram 40.000 homens mortos e 25.000 feridos.

A praça era defendida por 2.500 canhões. A heroica guarnição de *Przemysl* resistiu a dois cercos. O segundo começou a 9 de Novembro, tendo pois a praça resistido durante quatro meses e meio.

Os sitiados esperavam a proxima libertação por lhes chegarem noticias da offensiva iniciada pelos austriacos, mas essa offensiva esbarrou sempre com uma grande resistencia russa, e *Przemysl* não pôde ser libertada.

As operações de sitio entraram numa phase decisiva, e a artilharia grossa russa dirigiu fogo intensissimo contra a fortaleza. Os habitantes lutaram com a fome; os hospitaes estavam cheios de feridos.

A cidade de *Przemysl* é capital de districto e de circulo da Galicia (Austria-Hungria). Acha-se situada na margem direita do *Sone*, no caminho de ferro de *Jaroskov* e *Bhyrow*. Tem 54.000 habitantes e é residencia de um bispo catholico grego. Possui bellas egrejas gothicas e importantes monumentos modernos.

No *Schossberg*, a sudoeste da cidade, encontram-se as ruinas de um castello, cuja construcção se attribue a *Casimiro o Grande*.

Alem d'isso *Przemysl* tem muitas fabricas de tecidos, artigos de madeira e cortumes; mas a sua maior importancia era como praça forte.

As fortificações de *Przemysl* eram de

grande valor e por isso a cidade pôde resistir tanto tempo.

A victoria russa causou enorme jubilo no imperio moscovita e encheu de louros o grão-duque Constantino.

Os russos dispõem portanto de maior numero de forças para o avanço na Galicia, e tratam de marchar a toda a força pela Prussia Oriental.

A Austria, duvidando do exito das negociações com a Italia, manda transportar os archivos da sua embaixada em Roma, junto do Quirinal, e ordena que as autoridades militares empreguem os prisioneiros russos e os fugitivos galicianos na limpeza da neve dos caminhos atravez as montanhas, na construcção de trincheiras e na collocação de canhões nas montanhas e valles ao longo da fronteira italiana, devendo tambem fazer-se todos os preparativos necessarios para o curso de guerra contra a Italia.

Em Marrocos surgiu tambem um movimento anti-francês capitaneado pelo *emir Abd-el Malagh*.

A Bulgaria, diz-se, vae pôr-se ao lado dos aliados, com um exercito de 300.000 homens. A Inglaterra continua mandando mais reforços para os campos de batalha, e a França convoca as classes de 1916.

A guerra vae, pois tomar uma phase decisiva. A hecatombe progride.

A *Cruz Vermelha* suissa calcula a totalidade de mortos, doentes, prisioneiros e feridos, em 8.459.500 homens, dos quaes 97.000 servios, 21.000 montenegrinos, 55.500 japoneses, 2.423.500 russos, 212.000 belgas, 1.215.500 francezes, 433.500 ingleses, 1.570.000 austriacos e 2.180.000 allemães.

Entre a China e o Japão surgiram tambem graves complicações, que podem determinar a guerra, não só entre estas duas nações mas tambem entre os Estados Unidos, que de ha muito andam em rivalidades com os nipponês.

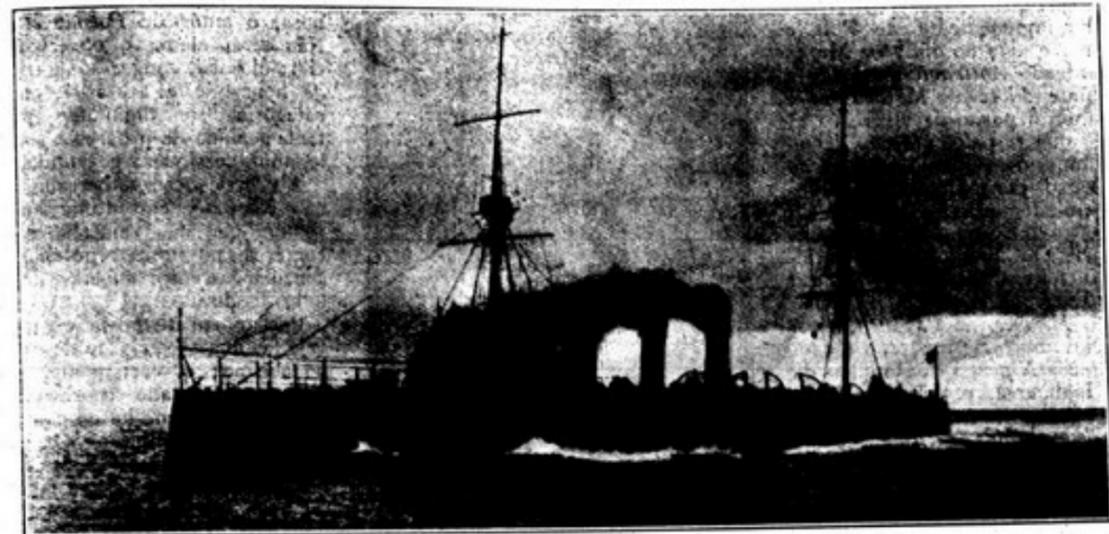
O bloqueio allemão tem produzido serias perdas de navios mercantes e de alguns vasos de guerra. O couraçado inglês *Exmouth*, de 14.000 toneladas, foi avariado por um submarino.

O ataque aos Dardanellos tem continuado com toda a energia, bem como a *Smyrna*, onde os aliados tentaram um desembarque.

Os turcos mandaram 200.000 homens para a defesa dos Dardanellos, sendo toda a artilharia manejada exclusivamente pelos allemães.

As esquadras aliadas avançaram uns 20 kilometros pelo estreito, e despunham-se a avançar quando os fortes turcos, principalmente a de *Chanak*, romperam intensissimo fogo contra os navios. Na

EUROPEIA



Cruzador inglês — «Amethyst» — PENETROU NO ESTREITO DE DARDANELOS APESAR DAS MINAS SUBMARINAS E FOGO INTENSISSIMO DOS FORTES

refrega ficou seriamente avariado o couraçado francês *Gaulois* e foram a pique dois couraçados ingleses *Ocean* e *Irresistible*, e o francês *Bouvet*, de que se salvaram apenas 64 tripulantes.

A lucta continua renhida, tendo ido novas unidades occupar o lugar dos navios perdidos e avariados.

Por seu turno os allemães perderam o cruzador *Dresden*, surpreendido por cruzadores britannicos nas paragens de *Juan Fernandes*, e o cruzador *Karlsruhe*, que se diz ter-se afundado perto das costas da America em Dezembro ou Janeiro.

Sobre a efficacia dos submarinos allemães ouçamos o que diz o engenheiro naval francês *Lambert*:—Segundo as estatisticas publicadas pelo almirantado in-

glês, a Allemanha possuia, em principios de 1914, 24 submarinos armados e 14 em construcção.

D'estes ultimos, oito puderam ficar terminados, e, por outro lado, o imperio allemão accrescentou ás suas proprias unidades d'essa classe cinco submergíveis que tinha em construcção para a Austria e um para a Noruega, os quaes se encontravam todos quasi terminados nos estaleiros da Sociedade Germania Krupp, de Kiel.

Pode portanto dispor a marinha allemã d'um total de 38 submarinos.

Quanto á Austria, só começou a construir submarinos em 1907, e ao estalar a guerra tinha apenas seis já construidos e quatro em construcção no seu arsenal de *Pola*, e em conformidade dos planos de Krupp, que na Allemanha havia construido cinco identicos.

Esses quatro submersiveis foram successivamente terminados desde o começo das hostilidades.

Não obstante o seu reduzido numero, os submarinos allemães e austriacos tem activado admiravelmente, e forçoso é prestar homenagem á technica, intrepidez e audacia dos seus commandantes.

Multiplo commettimento é o do submergível d'uma potencia que lucta com um inimigo mais poderoso; tal é o caso da Allemanha a respeito da Inglaterra, e o da Austria com relação á França.

Tratemos em primeiro lugar do emprego defensivo.

O submarino oppõe a sua acção ao bombardeio de portos e bahias e impede um desembarque.

Assim o praticaram submarinos allemães e austriacos. O ataque a *Cuxhaven* por uma esquadra ligeira britannica não passou d'um simples reconhecimento. No Adriatico, a esquadra francesa só pôde lançar algumas bombas sobre Cattaro.

b) O submarino evita o bloqueio immediato dos portos e obriga os

barcos que o effectuam a afastar-se a grande distancia dos portos bloqueados.

Neste sentido tem sido completo o exito dos submarinos. A grande frota inglesa bloqueia a costa da Allemanha; mas a tão grande distancia que pôde sahir do Elba uma divisão allemã, bombardear *Scarborough*, *Hartle pool* e *Witby* em 16 de Dezembro e voltar ás aguas allemãs sem ser atacada. Certo é que a segunda tentativa no dia 24 de Janeiro, foi menos afortunada e terminou mal para os allemães, que perderam o *Blucher*. Alem d'isso soffreram avarias importantes o *Seydlitz* e o *Derphinger*.

Não pode negar-se que os barcos allemães tem podido sahir facilmente dos portos. Quando ao principio da guerra os ingleses quizeram manter o bloqueio a menor distancia, os submarinos allemães fizeram-lhes pagar caro o erro. Com effeito, a 5 de Setembro foi mettido a pique o *Pathfinder*, de 3.000 toneladas e com 220 homens a bordo. Igual sorte tiveram, em 23 do mesmo mês, o *Cressy*, o *Hogue* e o *Aboukir*, com perda de 1.500 homens. E o facto de estes tres couraçados de 12.000 toneladas serem destruidos por um só submarino, o «U-9», de 300 toneladas, demonstra, com mais eloquencia que muitos discursos, o valor do submergível como arma de combate.

Em 16 de Outubro ultimo, outro cruzador inglês, o *Hauke*, de 7.500 toneladas, foi afundado com 560 tripulantes no Mar do Norte.

Coisa analoga acontece no Adriatico. A nossa esquadra bloqueia a muita distancia os portos austriacos. Em fins de Agosto, o *Jules Ferry* estava a ponto de ser torpedeado por um submarino, e dois destes atacaram, em 16 de Outubro, proximo de Cattaro, o *Waldek Rousseau*, que pôde livrar-se, graças á sua rapida marcha.

Por ultimo, em 21 de Dezembro foi atacado, ao sul do Adriatico, isto é, muito longe dos portos bloqueados, o



DEPOIS DE UM ATAQUE ALEMÃO — OS SOLDADOS INGLÊS EM POSIÇÕES, EM FRENTE DAS TRINCHÉIRAS GERMANICAS

navio-almirante *Jean Bart*, por um submarino austriaco.

O resultado da acção dos submarinos austriacos no Adriatico é que a nossa esquadra se encontra a tal distancia dos portos inimigos que os navios austriacos podem sahir impunemente de Pola e de Cattarro, e que no dia 2 de Março foi bombardeado *Antivari*, mettendo a pique o hiato do rei do Montenegro e incendiado um deposito de viveres.

Isto pelo que respeita à acção defensiva dos submarinos. Quanto á sua acção offensiva negada por muitas auctoridades navaes, bem demonstrada foi igualmente.

Em 11 de Outubro foi mettido a pique no Baltico o cruzador russo *Pallada*, com a sua tripulação de 550 homens, destruido o *Hermes*, no *Pas de Calais*, em 1 de Novembro, assim como a canhoneira inglesa *Niger*, a duas milhas da costa da Inglaterra, proximo de Deal, em 11 do mesmo mês, e o couraçado britannico *Formidable*, na Mancha, não longe de *Plymouth*, no dia 1 de Janeiro e com perda de 550 tripulantes. Tenha-se em conta que, no embate naval de 24 de Janeiro, no Mar do Norte, a parte official do almirante *Beatty* diz textualmente que *houve de desistir da perseguição dos cruzadores allemães ao chegar á zona que os submarinos tornavam perigosa*. Isto é, se bem que estes não puderam tomar parte na acção, impediram, comtudo, que os ingleses completassem o seu triumpho com a destruição do «*Derphinger*» e do «*Seydlitz*», já seriamente avariados.

Claro está que, ao realizar todas estas operações os submarinos não deixaram de experimentar perdas. As officialmente confirmadas são:

«U-14» mettido a pique pelo cruzador «*Birmnigham*», em 9 de Agosto.

«U-18» investido por um contra torpedeiro inglês em 24 de Novembro.

«U-8» destruido por um contra-torpedeiro no Mancha, em 2 de Março.

As perdas provaveis que podem acrescentar-se ás anteriores são as do submarino atacado pelo vapor mercante «*Thor-dis*» em 28 de Fevereiro; outro por um contra-torpedeiro francês, e um terceiro pelos ingleses, ou seja um total de seis.

Em dois casos os tripulantes foram feitos prisioneiros.

Esses seis barcos representam aproximadamente umas *tres mil toneladas* e a perda *d'uns setenta homens*.

Sem contar os navios mercantes, os submarinos allemães metteram a pique oito navios de guerra ingleses e um russo, que no total deslocavam setenta e tres mil tonelladas, e causaram a perda de tres mil e trezentos homens.

Não são eloquentes estes numeros?

Os Zeppelins tem avançado sobre Paris, lançando algumas bombas que causaram incendios e destroços sem grande importancia.

O general French, interrogado por um leitor do *Times*, sobre a duração da guerra, disse que isso dependia do numero de homens e quantidade de munições de que se possa dispôr!...

Sempre a destruição, a morte, a dôr, o luto. Quando virá a paz? Que horrores nos esperam ainda?

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



MANUEL TEIXEIRA DE QUEIROZ

Temos o prazer de estampar nas colunas desta Revista o retrato do distintissimo esgrimista — vencedor no campeonato escolar de 1913, vencedor no campeonato dos juniores de 1913 e vencedor no Campeonato Nacional de 1914.

Discipulo do querido Mestre Antonio Martins — é um atirador elegante, dotado de grandes qualidades fisicas, rapidês de golpe-de-vista, precisão e sangue-frio. Possui uma guarda correcta e uma técnica perfeita.

ALEMANHA

(Concluido do n.º antecedente)

A Alemanha dirá ainda que n'ele quereria lêr; mas, a Belgica, desfeita que lhe responda e lhe não consinta devaneios tardios e justificações repelentissimas de contraproducencia!

Não pôde a humanidade estar sujeita ao capricho de temperamentos irrequietos nem, indubitavelmente, cabe no aneio de amor suggestivo, na periferia autentica do sentimento moral o atropêlo palpavel, a ofensa dirêta, o distendimento acumuladoramente desproporcional.

Melhor seria para a Germania e para nós, para a humana familia, a obra de um Lassalle. «Em dois anos, observa E'mile de Laveleye (*Le Socialisme Contemporain*) a sua palavra e a sua pena, ardorosas, agitaram a Alemanha toda e lá crearam o partido democrato-socialista.»

A força, porém, o querer imperar sem limites, o não se perceber outra solução ao grave problema economico diferente de lutar, esmagou e esmaga aspirações luminosas e modos praticos não incongruentes, para só ser ateado o archôte de incendio colossal e propellido á chacina canibalêsca o esperançoso viço da formosa mocidade!

Onde páram as teorias nobres de pura filosofia, os congressos internacionais, e a letra de tratados sanadores de dificuldades?!

«Oui, le monde entier sera allemand!» grita, do tumulto algido, em voz cavernosa, o autôr de *Poèmes et Légendes*. Não será, clama o observador imparcial; filosofia, congressos e tratados não de honrar-se e acatar-se como prova categorica de dignidade procedente, fonte genuina de progresso social e base legitima de riqueza garantida.

A's arrogancias temerarias e insolitas não compete, em ultima analise, um destino que não seja abater a cerviz e contêr-se no limite regulador de justas conciliações entre todas as liberdades e todos os direitos.

Porfiar em teimosia contraria equivale a uma correria de despenhamento no abismo; e, certamente, para ele se dirige, por vontade ou sem ela, o imperio do Kaiser, que ha de cair por força, tal como esses imperios dos Ciros, dos Alexandres, dos Cesares, dos Napoleões, que não tinham em seu favor o unico argumento de latitude absoluta e de validade invulneravel, — rasão de ser!

Sim, rasão de sêr. Esta não ilumina e recomenda o que transcende o logico e equitativo, a visão normal e adequada, o ideal acomodado á consciencia e a acção concreta, separada, por diametral antagonismo, do cunho de justiça!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

VERSOS INEDITOS

VIVER

Viver, na mocidade.
E' sonho côr de rosa;
Vai avançando a idade,

Nem sempre bonançosa,
Logo o sonho escurece,
Pouco nêle se gosa!

Pobre de quem padece
A saudade sombria:
Nenhum calor aquece,

Extingue-se a alegria,
Como o fogo entre gelo:
A vida é agonia,

E o sonho pesadêlo.

CRUZ MAGALHÃES.

Então e Agora

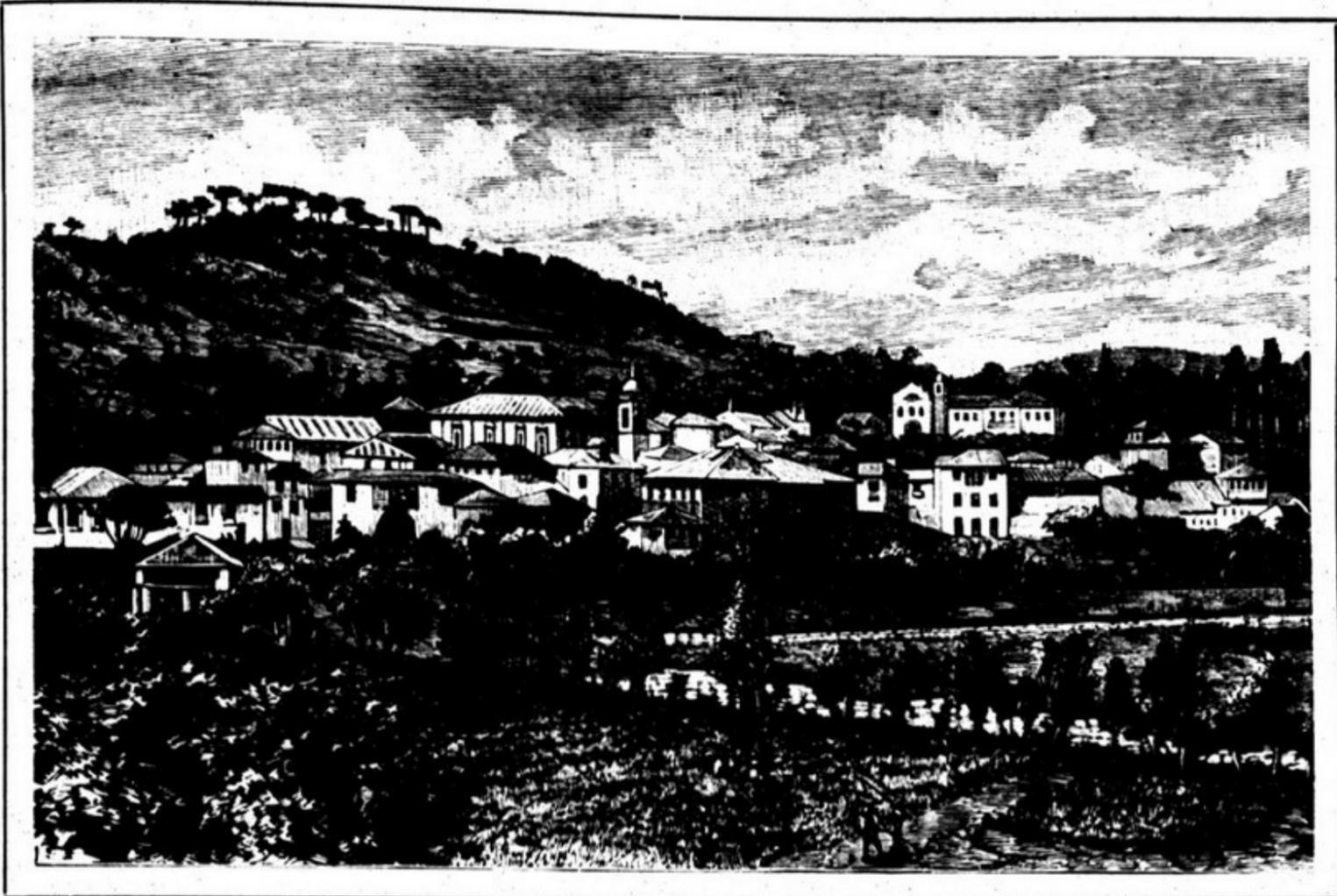
Dos limbos da memoria em que jazia
D'ella a saudade ás vezes afflorava.
Com que intenção tão boa me ensinava
Palavra por palavra a Ave Maria

Rezar o Padre-Nosso eu já sabia,
Com santa devoção me persinava,
E quando em fim o Credo terminava
Quietinho em seu regaço adormecia

Do que se aprende agora não seapura
Sublimes ideais, ledas esp'ranças
Christãs resignações na desventura.

Emplumam-se em abutres pombas manças
Faz-se-lhes a alma esteril, fria, escura
Sem crenças e sem fé. Pobres creanças!

NEMO



VISTA GERAL DE S. PEDRO DO SUL.

DE PASSAGEM PELA BEIRA

Conheceis a Beira Alta?
É uma fértil província, portuguesa de lei, que vê a leste a Serra da Estrela com as suas neves; a oeste o Caramulo com a sua tristeza; ao sul o Bussaco de gloriosa memória e mística tradição.

SILVA GAIO — Mario

Não na conhecia eu!

E, para dizer a verdade, ela é quasi ignorada dos *touristes*, devido mais á falta de uma conveniente propaganda das suas belezas naturaes, do que mesmo á exigua escacez das suas vias de comunicação.

Fialho disse-a um dia — «a província mais portuguesa e mais bela de todas as nossas provincias».

E acertou!

O minho é a poesia cheia de saudade; é o amor apaixonado dos românticos; o esquecimento e a melancolia; o ritmo monótono e anémico duma tristeza infinda.

Um pedaço de beleza doente, como os versos doloridos do — «Só»...

É o amor, que lhe faz aquela sua côr noltagisada de sofrimento!...

Conheço algo da sua paisagem e praz-me contrastá-la com a rudeza agreste dos serros altivos do Douro, que se erguem a prumo em herculeas convulções, frêchando as nuvens com os dentes afilados das suas cumieiras.

O Douro, batido pela fome, guerreiro ousado d'outras eras, impressiona-me mais na sua amortecida grandeza. É mais

meu pelo coração. Os seus pomares e os seus vinhedos, encorçando-se em catadupas de verdura pelas ravinas silenciosas, pendendo ao rio; enramalhando-se em esbracejamentos coléricos á volta duma ou outra velha e armoriada casa de granito, fazem-me lembrar aqueles cerrados bosques semi-selvagens, onde se encerram esboroentos e mediévos castelos vestidos de heras, que o Rêno banha, cachoando por entre penedias e o tempo cobriu de trágicas ou namoradas lendas de romance...

Assim é para mim o Douro!

... A Beira, porém, é a poesia mi nhota sem exageros e a virilidade austera, quasi selvatica do Douro, unindo se numa conjugação d'amôr.

Gente portuguesa de velha lei; beirões de tempera rija, como o fino aço das espadas, que o *alfageme* corregia; tradicionaes, como os minhotos, encerram em si os caracteres tipicamente éticos da raça portuguesa.

Nessa região viu ela o seu berço, feito para a historia nas lutas ferozes e sangrentas dos antigos lusitanos.

Ai viveu escondido na sua *Cava*, Viriato, general e pastor!

E pastores e soldados são ainda hoje os homens rudes da Beira, se se torna preciso trocar o cajado e a fruta dos rebanhos pela espingarda ou pelo sabre do soldado. Morrem, então, como heróis, ou corôam se como os vencedores!

Naquella região de nevadas serras, coberta de carvalhos e urze, e onde pequenas aldeias põem aqui e ali a nota resignada da sua pobreza, môra uma população muito activa, laborando a terra a que está ligada e conservando nela bem viva a velha tradição portuguesa da familia rural.

Tirante o Bussaco, cathedral gigantesca de carcomidos cedros do Libano, que uma absurda divisão territorial administrativa, geometricamente equalitaria, *des regionalisau*, separando da pro-

vincia a que pertence pela sua constituição étnica, pelos seus usos e pelas suas tradições — o que mais impressiona de toda esta vasta região beirã, ao viajero atento, é, de certo, a exuberante pujança de cultura da vasta *bacia de Besteiros* e o trecho de paisagem amena, que deita para o norte de Vizeu, tres ou quatro leguas em redor.

S. Pedro do Sul, com a sua casaria branca toucada de trepadeiras floridas e olorosas, no fundo do vale que o Vouga remansosamente rega,—é como um oazis de verdura, o centro de irradiação deste pequeno mundosinho de en-



S. PEDRO DO SUL — Rio Vouga

cantos, como que o coração pulsando em seiva de vida rustica e alegre.

O rio serpentea-lhe aos pés num rumoreo suave.

Moitasinhas de arvoredos fecham-lhe as aguas claras, onde as raparigas de tranças morenas e olhos da cor do céu descantam ao desanio cantares de amor e de saudade, a que as azenhas respondem no seu gemebundo queixume...

Como é belo tudo isto!

Mas que curto tempo, o meu, para gozar todas as belezas desta pinturesca vilasinha beirã!...

So meia hora de paragem! O apito do bolieiro dava o sinal da partida e uma velha *mala posta* pesada e guisa lhante, alegre como algumas velhas avós, que escañecem duma civilização prosaica e utilitaria, rodam estrada fora caminho da Regoa...

O sol declinava no horisonte. Magnifico poente!

A minha travessia da Beira fóra á *rol d'arceaux*.

Mesmo assim que impressões me não deixou!...

E pensar que ha gente, que ouse menosprezar esta nossa linda terra de Portugal.

... filha do sol das primaveras
rica dona de menses e pomares!...

Ah! que é não ter n'alma um pedaço de coração português!...

RUI DE NEIVA



ROMANCE

M Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuação do numero antecedente)

Estendeu a mão, fez festas no focinho do cavallo que estendeu o pescoço esperando mais carícias.

—Abdul, pede-lhe perdão, como o dono Myrto... e agora como está de saúde? Todos os dias perguntava ao medico por si, pois comprehendia bem o seu estado nervoso: eu estou como um verdadeiro misantropo.

—E' preciso não se entregar a isso, necessita estar junto de sua mãe, das suas irmãs.

—Bem sei, mas sinto as vezes umas crises moraes, que so eu sei o que soffro. Mas breve apparecerei a hora do chá.

—Hoje? disse Myrto timidamente.

—Pois sim, hoje gosta, como eu de passear solitaria, porque não passeia com minhas irmãs?

—Fui visitar uma pobre familia a entrada da aldeia de Selri.

—Terka ou Irene, nunca a acompanham n'essas visitas de caridade?!

—Têm outros pobres, que recebem dinheiro todas as semanas.

Um olhar vivo illuminou o rosto do principe.

—Sim, alguns pobres escolhidos, d'aquelle que a miseria não offende muito as vistas! Oh! eu conheço a caridade mundana, Myrto. Via-a de perto, estudei-a... a outra verdadeira é a sua. Deve ter parece partido, por entre os desgraçados!

Penso que não me devem detestar.

disse com um sorriso, quanto a mim, tenho-lhes amizade.

—Sim, é para elles um raio de luz; volta agora para o castello?

—Volto, já é tempo.

—Acceita a minha companhia?

—Da melhor vontade, demais tenho que lhe fallar, principe.

—Estou a sua disposição, disse elle segurando a redea do cavallo

Por algum tempo caminharam juntos pelas ruas do parque sem dizerem palavra, por fim o Milcza disse:

—De que se trata, Myrto?!

Ella explicou em phrases claras o que ha tempos dissera a condessa Zolanyi.

O principe parou bruscamente e agarrando no sacco disse com voz tremula:

—Oh! perdão: dinheiro, a quem se entregou a meu filho com tanta dedicação! Peço-lhe perdão, Myrto? Ficou offendida não é verdade?!

—Um pouco, n'aquelle momento, mas pensei logo que não foi com más tentações.

Por um largo espaço de tempo não disseram palavra.

—Estou perdoado, Myrto?

—Oh! não tenha duvidas...

—Obrigado, e se eu disser que dê este dinheiro aos seus pobres...

—Para elles, recebo-o com alegria; Sera dado em seu nome, e assim resarão pelo meu... primo.

Ao dizer estas palavras Myrto corou um pouco.

Quando chegaram ao castello, o principe chamou um criado entregando-lhe o cavallo. Depois disse para Myrto.

—Vou mudar de fato, e vou ter com minha mãe, peço-lhe para a prevenir.

Myrto depois de ter deixado o seu vestido de passeio desceu para ir ter com a condessa.

Quando ella annunciou a vinda do principe, Renato abandonou as brincadeiras sobre o tapete, Terka foi arranjar melhor a mesa e Irene o penteado.

—Ainda foi bom que elle não viesse sem nos prevenir. Felizmente que a encontrou, Myrto... disse Irene.

—Veio com o principe? disse a condessa, esta melhor?

—Soffre tanto, coitado!

—Bõa ocasião, Myrto para tentar o apostolado, que nos préga todos os dias, disse ironicamente Irene.

N'este momento ouvir m uns passos conhecidos, era Milcza que chegava. Durante a visita, Irene revelou-se sempre com um ar triste em contraste com o seu habitual modo. E Myrto pensou que seria por isso que Milcza parecia testemunhar-lhe uma especie de antipatia.

A partir d'este dia o principe apparecia sempre a hora do chá. Conversava pouco, mas em compensação parecia tomar interesse pela leitura que a prima fazia para a condessa. A voz pura, tão harmoniosa de Myrto, dava um encanto sublime a leitura.

Era capaz de a ouvir até a noite, Myrto disse elle um dia. Mas creio que nos abusamos, d'aqui para o futuro, não de vera ler tanto.

Myrto sentia n'elle uma pouca mudança. Para as outras era frio, para Myrto, tinha a impressão que era para elle um interesse particular, um carinho differente, como nunca offerecia para ninguem!

(Continua)

O eterno comido

Historieta alegre

Aos dez annos, Eduardo é levado ao collegio pelo padrinho.

Dirige-se ao director a quem faz todas as recommendações necessarias n'esta grande circumstancia da vida: o primeiro captiveiro.

—Como se chama o rapazito? — pergunta o director.

—Eduardo.

—O seu nome proprio não basta; é preciso tambem saber o appellido de familia.

—Não tem — responde o padrinho ao director a quem, aparte e em segredo, lhe diz — é filho natural de um dos meus melhores amigos, que m'o confiou á hora da morte. Sou seu padrinho e fui encarregado da sua educação.

Seja, pois, Eduardo simplesmente, visto que não podemos conceder-lhe o que as leis do paiz recusaram ao pae.

Se, porém, Eduardo não pode usar o nome do pae, este legou-lhe uma fortuna que é administrada pelo padrinho.

Eduardo todas as semanas recebe varias guloseimas e tem dinheiro no bolso.

N'estas condições não lhe faltam amigos. N'esse numero inclui-se um intimo que lhe come todas as guloseimas.

Eduardo não se atreve a recusar-lhe a chave do armario onde guarda as suas provisões. Este, porém, não se contenta em dar-lhe conta das provisões de boca: dá-lhe tambem conta de livros de estudo d'esse bom rapaz.

Quando desaparece um dictionario, lá está o de Eduardo, e assim se dá com as grammaticas portuguezas, francezas, inglezas, allemans ou latinas.

Todos os mezes as despezas para compra de livros augmentam extraordinariamente.

Aos dezoitos annos, Eduardo sae do collegio para seguir o curso de direito.

Uma vez na Universidade, Eduardo encontrou novos amigos que o depenam.

Alguns bohemios fazem-lhe comprehender que é mais vantajoso alugar um grande quarto em vez de alugar um exiguo.

Segue o conselho d'estes, que vêm installar-se-lhe em casa, pretextando fazer-lhe companhia para que não se aborreça, pois que a familia d'elle se resume ao padrinho.

Os amigos levam os amigos dos seus amigos.

São festas continuadas, sempre a custa do pobre Eduardo que, para arcar com essas despezas, é obrigado a privar-se de todos os divertimentos a que os companheiros não vão.

Nunca vae ao theatro e chega ao extremo de usar a roupa coçada.

Concluido o acto, deixa precipitadamente o local que habitava e não diz a ninguem a sua nova morada. Porque vae entrar no gozo da sua fortuna, não quer que os amigos se aproveitem d'elle.

Installa-se com uma amante n'uma pequena casa de campo dos arredores. Inutil é dizer que a sua companhia...

para se distrair da monotonia da vida de campo, vem á cidade o maior numero de vezes, onde encontra rapazes mais alegres e mais divertidos do que Eduardo.

Cançado de possuir uma mulher a quem mantem e que não tem nada de seu, põe-n'a com dono para se casar.

Espósa uma encantadora donzella saída d'um convento.

— Finalmente, tenho uma mulher que só a mim pertence!

Esta creaturinha não traz dote, mas possui uma tia muito edosa que lhe deve legar todos os seus bens ao morrer, com a condição de que os sobrinhos queiram viver com ella no seu palacete.

Esta velha afdalgada dirige-se muitas vezes ao ministerio de justiça afim de que o sobrinho possa usar como titulo o nome do palacete em que habita e que pertence aos seus antepassados.

Este palacete chama-se o solar de Raposeira.

Eduardo preferia outro nome, mas, enfim, é uma compensação.

Realiza-se o casamento.

Eduardo de Raposeira felicita-se pelo futuro que o esperava.

Uns velhos parentes, porém, que estavam com os olhos postos na herança, ficam furiosos ao ver que Eduardo se tornou o *menino bonito* do palacete.

Assim, reuniram-se para tramar alguma horrivel machinação contra este excellente rapaz que está cercado de inimigos e principalmente de velhas primas beatas que juraram perante Deus embrulhar tudo.

Era preciso, pois que se saíssem bem do negocio para não serem perjuras.

Deram-se pressa em dizer á sua parente que o marido da sobrinha era um livre pensador que, em todas as quintas-feiras de endoenças, apanhava uma indigestão de presunto e salsichão!

A velha tia, cuja cabeça estava já enfraquecida pela idade, acredita piamente em tudo quanto lhe dizem.

Pede um notario e dá-lhe todas as instrucções para desherdar os sobrinhos.

Em consequencia d'este exgotante trabalho, adoce e morre.

Aberto o testamento, Eduardo de Raposeira sabe a triste realidade.

— Prohibo-lhe que se chame de Raposeira — exclamou uma horrenda pri-

minha tão rabujenta como corcunda — esse titulo é inherente á propriedade do palacete, e em vista de o não possuir, tambem não deve possuir lhe o nome. Se teima em usá-lo, todos os parentes se reunirão para o pleitear, e olhe que os diversos ramos de familia ascendem a cento e tres rebentos!

— Vá para o diabo! — exclamou Eduardo, fazendo as malas para depressa se ver livre do maldito palacete.

Vae habitar numa pequena aldeola onde se torna uma figura importante; é nomeado regedor, depois administrador e por fim membro do conselho geral.

Eduardo espera, enfim, chegar a ser alguma cousa. Pensa fazer-se elegeo deputado.

Apresenta-se, faz a sua profissão de fé e fala nas reuniões publicas.

Tudo caminha ás mil maravilhas.

Apresenta-se um concorrente.

Faz uma campanha muito activa contra a candidatura de Eduardo e depois vae ter com elle, parecendo-lhe que devia conseguir o maior numero de votos.

— Meu caro senhor — lhe disse elle — se mantem a sua candidatura, eu não me retirarei ao segundo escrutinio, e o candidato a quem ambos combatemos as ideias será eleito por uma fraca maioria. Aconselho-o a que retire a sua candidatura no interesse da causa que defendemos. De contrario, ataco-o em todos os jornaes que tenho ao meu dispor. Dará até ensejo a que se publique uma alegre cantiga *O candidato Eduardo!*

— Não faça tal. Todo o ridiculo com que me attingissem, recairá tambem sobre minha mulher.

— Então retira, não é assim?

— Sim.

E Eduardo deu ao diabo a vaidade de se haver mettido na politica.

Este procedimento de Eduardo indignou a mulher, que era bastante ambiciosa.

— Tenho um marido que nem nome tem, mas ao menos desejava que fosse alguma cousa!

Eduardo quiz tranquillizar a cara-metade, mas esta não lhe perdoou a sua má estrella!

Certo dia, ao entrar em casa, não encontrou ninguem em casa; mas em cima da secretaria estava uma carta,

cuja letra era de mulher, e era assim concebida:

«Meu amigo:

Desamparo-te. Deixo-me raptar por um embaixador germano que possui um bom nome e sabe ser alguma cousa. Estou certa de que com este homem terei tudo o que desejo, até filhos!»

Eduardo caiu aniquilado sobre uma cadeira. Era o golpe de misericordia.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR

(Imt.)

*

«Sports»

Como os soldados ingleses se preparam para a guerra

Para se servir bem nas guerras modernas não é apenas bastante que o soldado conheça a ordenança militar e saiba manobrar com consciencia os diferentes engenhos de destruição e de morte. E' mister mais alguma coisa. E' necessario que o elemento primacial dos exercitos — o pessoal — seja resistente de forma a poder vencer as fadigas enormes a que estão sujeitos e a triunfar de obstaculos de toda a ordem que uma campanha oferece.

Esta resistencia adquire-se, como se sabe por meio duma bem orientada educação fisica. E' pensando assim que os comandantes dos corpos ingleses, para melhor treinar os seus soldados ás marchas, procuram constantemente chamar os seus alistados para os campos de *sports* onde se realizam jogos e corridas. E' pelo treino metódico dos *sports* e pelos concursos atleticos que lord Kitchener, «the man» prepara os seus exercitos para as mais dificeis emprezas. Ainda ha pouco, em «Aldershot» cidade militar inglesa por excelencia, se realizou uma importante prova de «cross-country» reservada especialmente aos soldados de lord Kitchener. Mais de 700 homens tomaram parte nesta corrida. A este «cross-country» concorreram os melhores atletas britanicos. pelo que despertou naquella cidade um extraordinario interesse e entusiasmo. O Campeão foi o conhecido «sportsman» Leo Davec que faz serviço na arma de artilharia, seguindo-se-lhe os sargentos Gravec e Wilkinson. O organisador desta prova foi lord Kitchener, ministro da guerra, e o general White. E assim fica mais uma vez confirmada a importancia que os chefes militares ingleses ligam aos *sports*, como meio de preparar bons soldados.

M. SALES.

*

Folhas soltas

Este livro de chronicas do nosso collega de redacção Alfredo Pinto (Saca vem), é posto á venda no fim do mez.



ACTUAL SEXTETO DO GINASIO

Da esquerda para a direita: — J. Carvalho — director do sexteto — Vitor Hugo de Moraes Alberto Lima, Reinaldo Vital Santos, Raul Ribeiro, Mario de Melo

CURSO INTERNACIONAL

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

LARGO DO CALDAS, 1, 2.º

Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas. leccionam:

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Photo-miniatura, tarso metaloplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriales e Comerciales Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que deseiaem e podendo permanecer das 9 ás 5.

Pensionistas a 15\$000 e 20\$000 réis mensaes

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2.º — LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *



Preparado Carlos Pimentel

que
por completo
tira a caspa

e
evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Especialista de doenças da boca e dentes
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes. etc.

Desinfectação meticulosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros

— Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico em todos os artigos de confeitaria

— Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lunches para casamentos, baptizados e solteiras

Dans Les "Fleurs,"

São os perfumes da moda

PEDIR EM TODA A PARTE

Alberto C. Lima

Professor de Guitarra

E

— VIOLA FRANCEZA —

COM

— As melhores referencias —

Rua do Loreto, 50, 3.º — LISBOA

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1\$500 réis

Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis



Farinha Pectoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido provelto nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e pre viligiado.

Pedro Franco & C.ª

DEPOSITO GERAL RUA DE BELEM, 147 - LISBOA